
NÍDIA NACIB PONTUSCHKA: PERSPECTIVA DE UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E ACADÊMICA

NÍDIA NACIB PONTUSCHKA: PERSPECTIVE OF A PROFESSIONAL AND ACADEMIC TRAJECTORY

Núria Hanglei Cacete¹

RESUMO: Quando nos propomos a discutir o ensino de Geografia é difícil não nos reportarmos à professora Nidia Nacib Pontuschka. Com uma trajetória de vida indelévelmente ligada à educação como professora e pesquisadora no âmbito do ensino de Geografia e da formação de professores nos legou contribuição fundamental nessas áreas, tornando-se uma referência no campo de conhecimento sobre o qual se debruçou. Nesse sentido, apresentamos um breve resumo de seu percurso profissional e acadêmico até porque seria impossível no âmbito desse texto abarcar toda a riqueza e contribuição do seu trabalho realizado ao longo de tantos anos dedicados à educação.

Palavras-chave: Nidia Nacib Pontuschka. Ensino de Geografia. Trajetória acadêmica.

ABSTRACT: When we propose to discuss the teaching of geography, it is difficult not to refer to Professor Nidia Nacib Pontuschka. With a life trajectory indelibly linked to education as a teacher and researcher in the field of geography teaching and teacher training, he has given us a fundamental contribution in these areas, becoming a reference in the field of knowledge on which he has worked. In this sense, we present a brief summary of his professional and academic career, because it would be impossible within this text to encompass all the richness and contribution of his work over so many years dedicated to education.

Keywords: Nidia Nacib Pontuschka. Geography teaching. Academic trajectory.

O INÍCIO NA ESCOLA BÁSICA

Foi nos anos de 1950 que a professora Nidia cursou a escola normal e, durante algum tempo trabalhou como professora primária com classes de alfabetização. Desde essa época gostava de trabalhar em equipe, conforme depoimento em entrevista a PINHEIRO (2011)

¹ Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: nuriah@usp.br.

Artigo recebido em dezembro de 2019 e aceito para publicação em março de 2020.

Nós fazíamos os trabalhos, dávamos aulas para as classes do primário sempre em equipe. Para mim isso foi de extrema valia, porque até hoje eu não sei trabalhar sozinha, sempre integro um grupo, o qual acaba se constituindo como um grupo de amigos.

A escola como dimensão da sociedade só é fecunda no trabalho em equipe e adquire significado profundo a todos os envolvidos nesse trabalho coletivo. Talvez intuitivamente, porque em início da carreira docente, a professora Nídia reconhecia a importância da aproximação dos parceiros de trabalho como forma de potencializar a prática pedagógica, que é antes de tudo uma prática social.

Em 1959 trabalhando como professora primária em período integral inicia o curso de Geografia na Universidade de São Paulo. É nos anos de 1960 que começa sua trajetória como professora da escola secundária, após a conclusão do curso de Geografia em 1962. Ainda recém-formada participa da elaboração de materiais didáticos na Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências (FUNBEC) hoje extinta, que envolvia a produção e editoração de atividades escolares e treinamento de professores nos novos métodos de ensino de ciências. O trabalho com colegas de outras áreas do conhecimento já compunha uma prática que se estendeu ao longo de sua carreira docente.

Embora a professora Nídia tenha se debruçado sobre uma gama de temas ligados à educação podemos afirmar que a interdisciplinaridade, o estudo do meio e a questão da educação ambiental foram privilegiados em seus estudos e pesquisas. Um percurso amplo e diversificado, mas também extremamente focado em um trabalho cujo fio condutor mais uma vez se traduzia pelo compartilhamento, pelo trabalho colaborativo e participativo que presidia a lógica das análises e das práticas que envolvem esses temas.

A interdisciplinaridade, como fundamento tanto do estudo do meio como da educação ambiental, apesar de ser um termo polissêmico, pode ser considerada como um constante repensar da prática no diálogo entre professores e os teóricos, na perspectiva de construir um novo olhar sobre o conhecimento e a prática pedagógica. Estabelecendo-se uma interdependência entre as disciplinas e um exercício de diálogo entre as diversas formas de conhecimento, esse processo pode se constituir como um gesto de ousadia. Segundo Fazenda (2002) os estudos sobre interdisciplinaridade no Brasil se iniciam nos anos de 1970 com um processo de estruturação conceitual básica e a partir da década de 1980 passa a ser categoria de ação adentrando a prática pedagógica. É nesse período que a professora Nídia inicia na escola básica os projetos interdisciplinares, voltados ao Estudo do Meio e à Educação Ambiental. Seu trabalho na Escola Estadual “Prof. Architiclino Santos” no bairro do Jaguaré, Zona Oeste de São Paulo, onde atuou por onze anos, foi riquíssimo.

Nessa escola consegui realizar trabalhos interdisciplinares com colegas de outras áreas do conhecimento. Fizemos estudos do meio em Iguape, no Jaguaré, na área da cana-de-açúcar de Piracicaba, Limeira, projetos com o Noturno. (depoimento em entrevista a PINHEIRO, 2011)²

O TRABALHO NA UNIVERSIDADE

Em 1986 assume o cargo de professora de Prática de Ensino de Geografia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, construindo um percurso acadêmico importante tornando-se uma referência no campo de conhecimento sobre o qual se debruçou.

Supervisionando estágios curriculares, orientando alunos em nível de mestrado e doutorado, a professora Nídia demonstrava seu comprometimento e envolvimento na construção de saberes e práticas para a formação de professores engajados com o processo de ensino e aprendizagem. Em 1994 defendia seu doutorado, realizado na Faculdade de Educação USP sob Orientação da professora Elza Nadai, que versava sobre *A Formação Pedagógica do Professor de Geografia e as Práticas Interdisciplinares*. Atuando como professora da pós-graduação orientou vinte e dois mestrados e dezesseis doutorados, estabelecendo com seus orientados uma relação de parceria incluindo-os em seus projetos de pesquisa sempre de forma generosa e altruísta.

Para além da condição de professora e pesquisadora seu trabalho na universidade pautou-se na participação permanente e intensa em conselhos, comissões, grupos de trabalho sempre com alto grau de responsabilidade acadêmica e, sobretudo do ponto de vista pessoal, era admirada por sua delicadeza e humildade profissional, condição essa tão importante em um contexto acadêmico onde a disputa é sempre muito presente.

Na perspectiva da formação continuada de professores a partir da realização de ações interdisciplinares, dedicou-se de forma intensa ao trabalho realizado na Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo, de 1989 a 1992, durante o mandato da prefeita Luiza Erundina na gestão do professor Paulo Freire. Como uma das assessoras do convênio celebrado entre a Universidade de São Paulo e a Secretaria Municipal de Educação, participou do projeto de Reorientação Curricular pela via da Interdisciplinaridade. A construção do currículo era antecedida pela definição de temas geradores sugeridos a partir do levantamento de questões significativas para a realidade da comunidade escolar e, portanto, para os professores e alunos. Os temas geradores sugeridos orientavam a definição dos conteúdos curriculares invertendo-se a lógica da inércia da tradição curricular de estabelecimento a priori dos conteúdos, agora articulados com as necessidades do real concreto ou imaginário³. O trabalho de assessoria na formação continuada de professores se realizou ainda nas prefeituras de Suzano, Santo André, Diadema, Guarulhos trabalhando, com Educação de Jovens e Adultos – EJA e com Estudo do Meio, além de municípios como Cunha(SP), Espírito Santo do Turvo (SP), Porto Velho (RO), Urupá (RO) entre tantos outros.

Na Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, foi uma incentivadora e participante ativa dos Encontros Nacionais de Geógrafos e dos Encontros Nacionais Ensino de Geografia – Fala Professor, com inúmeros trabalhos apresentados. Com uma produção acadêmica extremamente rica a professora e pesquisadora possui 20 artigos completos publicados em periódicos, 9 livros publicados e 22 capítulos de livros e textos publicados em jornais e revistas. Além dos encontros temáticos de Geografia, foi ainda participante assídua de encontros, congresso, seminários na área de Educação e Educação Ambiental em nível nacional e internacional. Sua produção intelectual envolve a apresentação de 45 trabalhos e 23 trabalhos completos publicados em Anais de eventos, além de entrevistas e comentários na mídia.

Em relação aos temas e aos problemas de pesquisa sobre os quais se dedicou ressaltamos a questão ambiental ancorada nas representações acadêmicas e populares sobre o meio, produzindo conhecimento e auxiliando populações locais de alguns municípios do país na melhoria da qualidade de vida, verificando as condições socioambientais dessas áreas e atuando sobre elas. Esses estudos abordavam atividades agrícolas, pesqueiras, poluição, condições de moradia, saúde, educação e gestão pública.

Dentre seus projetos de pesquisa destacamos o denominado Projeto Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos Sólidos, (Participatory Sustainable Waste Management – PSWM), projeto Brasil-Canadá realizada no período de 2008 a 2012. A intenção do projeto era apoiar

a Gestão Participativa e Sustentável Integrada de Resíduos Sólidos na Área Metropolitana de São Paulo, de modo a melhorar a sustentabilidade ambiental e econômica nos grandes aglomerados urbanos. O trabalho realizado com algumas cooperativas e associações de catadores e catadoras tinha como princípio que os participantes da pesquisa não seriam considerados como objeto de estudo, mas como participantes ativos e deliberativos no processo de investigação sobre suas condições de vida e trabalho

O objetivo deste estudo é gerar coletivamente o conhecimento sobre as condições de trabalho e os possíveis perigos e fatores de risco associados à coleta, à classificação, à manipulação e ao transporte dos materiais separados para fins de reciclagem. Os catadores ainda sofrem estigmatização e exclusão, tanto social quanto econômica, de forma generalizada. Ser capaz de contar suas histórias, ouvir as outras experiências e questionar as causas da exclusão e do preconceito são partes importantes no empoderamento dos indivíduos. Nossa pesquisa teve uma abordagem qualitativa, confirmando e valorizando o conhecimento anteriormente negligenciado e, finalmente, contribuindo para uma melhor compreensão das complexas condições sociais, culturais, econômicas e políticas que moldam o trabalho destas pessoas. O processo de investigação foi articulado com estratégias de capacitação, ajudando a superar as lacunas de conhecimento, capacitando e evidenciando os participantes como agentes de mudança social. (PONTUSCHKA et al., 2016, p. 202-203).

O projeto foi desenvolvido com base na pesquisa participativa, considerando e respeitando o conhecimento dos participantes e a perspectiva da construção coletiva de novos conhecimentos. Esse processo se deu por meio da realização de oficinas onde se discutiu questões relacionadas aos riscos à saúde dos trabalhadores, problemas relacionados à exclusão social, estigmatização, preconceito, dependência de drogas, etc. A dificuldade em relação à moradia e o tratamento especializado para a dependência de álcool e drogas foram apontados como demandas urgentes a serem resolvidas. Além disso, abordou-se a importância da troca de experiências entre as cooperativas e o envolvimento de outros atores sociais na busca de ações práticas para solucionar os problemas. Os catadores e catadoras ressaltaram a importância de um processo de conscientização da população acerca do seu trabalho como agentes ambientais que se constituem em um elo importante na cadeia produtiva desses materiais realizando um serviço público de limpeza, sendo de fato recuperadores de recursos. (PONTUSCHKA et al., 2016).

Em um claro recorte de extensão universitária, no sentido do enfrentamento de questões contemporâneas do ponto de vista da solidariedade e da sustentabilidade, os projetos desenvolvidos pela professora Nídia, articulavam ensino e pesquisa possibilitando a interação necessária, renovadora e transformadora entre a universidade e a sociedade por meio do compartilhamento de conhecimentos acumulados e socialmente produzidos.

Tendo em vista a difícil tarefa de captar e fazer jus à grande produção da pesquisadora e professora Nídia optamos por analisar alguns de seus trabalhos.

O artigo intitulado *O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes*, (PONTUSCHKA, 2004), aborda, a partir de uma perspectiva histórica, as transformações pelas quais essa atividade passou desde o momento em que foi introduzida no Brasil, no início do século XX. Analisa as circunstâncias

políticas e econômicas que engendraram a fundação das primeiras escolas livres anarquistas que introduziram atividades semelhantes ao estudo do meio inspiradas na pedagogia de Francisco Ferrer Guardia pensador anarquista espanhol, passando pelo movimento escolanovista, a prática nas escolas experimentais e de aplicação, a proscrição durante o regime militar no Brasil e descreve algumas experiências de desenvolvimento do estudo do meio vivenciadas. Entendido como método de análise da realidade e tendo o trabalho interdisciplinar como fundamento, no estudo do meio, tempo e espaço são noções que se articulam na perspectiva do entendimento do espaço construído como resultante de diferentes tempos históricos. Sob o ponto de vista do entendimento do espaço geográfico não mais pela relação do homem com a natureza, mas como resultante das relações sociais, o estudo do meio se propõe a desvendar os lugares por meio da observação, do levantamento de fontes, da interpretação e leitura crítica de documentos históricos, geográficos, biológicos e de outras naturezas na difícil tarefa de compreender as interações sociais que dão feição aos lugares. O trabalho interdisciplinar na escola básica ou na universidade, via de regra, encontra resistências. A formação disciplinar marcada por excessivo especialismo, interesses diferenciados, divergências quanto às concepções relativas ao trabalho pedagógico entre outros aspectos, dificultam a realização de ações interdisciplinares na elaboração de projetos.

Segundo a professora Nídia, as metodologias de ensino na universidade possuem um caráter estratégico e articulador em relação tanto ao conteúdo específico quanto em relação à formação pedagógica e, sobretudo, assume a responsabilidade de estabelecer a “ponte” entre a educação básica e a universidade. (PONTUSCHKA, 2004). Sem desconsiderar as especificidades das metodologias de ensino e as dificuldades existentes, as experiências de desenvolvimento do estudo do meio relatadas no texto demonstram a coragem, o esforço e dedicação na superação das barreiras para levar a cabo os projetos coletivos tão necessários na universidade e ao mesmo tempo quase inexistentes. Os estudos em Iguape, em Cananéia e Ilha do Cardoso, assim como o projeto *São Paulo à noite – Praças como espaço de poder e Trabalho: Transformações e permanências*, foram realizados em colaboração com estudantes da graduação e professores de História, Geografia e Biologia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Como resultado do trabalho os grupos de estudantes elaboraram materiais didáticos para alunos da educação básica, e empreenderam ações no sentido da devolutiva às populações locais relativas ao estudo realizado. Em depoimento os estudantes consideraram o estudo do meio como uma importante ferramenta de análise da realidade, como articulação entre teoria e prática congregando um conjunto de pessoas em diálogo na perspectiva do entendimento e questionamento acerca da realidade estudada, da produção de conhecimento e propostas de ações para o enfrentamento de problemas encontrados.

Como o estudo do meio se constitui um tema privilegiado nos estudos e nas pesquisas empreendidas pela professora, são vários os textos que contemplam essa temática. Nesse sentido elegemos para análise outro texto, em coautoria, de caráter mais teórico e instrumental, que orienta essa prática social intitulado: *Estudo do meio: teoria e prática*, publicado em 2009 na Revista Geografia (Londrina). Assinala que muitas vezes há uma utilização indiscriminada do termo estudo do meio, como visitas, passeios, o que significa que nem toda saída a campo fora do ambiente escolar pode ser entendida na perspectiva de uma atividade orientada por estudos e imersão em uma dada realidade. Nesse sentido, o texto busca esclarecer a necessidade de se pensar o currículo escolar para além das prescrições e torná-lo articulador de interesses e demandas dos professores e alunos, exercitando, portanto, a autonomia da escola e de seus atores na elaboração de projetos educativos.

O estudo do meio como atividade pedagógica proporciona a articulação ensino e pesquisa destacando-se como método privilegiado de investigação acerca do espaço geográfico e de sua história buscando a apreensão da totalidade social. A par disso, trata-se de uma prática que estimula o protagonismo dos envolvidos como produtores do conhecimento e não apenas como receptores ou reprodutores de um saber externo a eles. Assim, essa atividade pedagógica pode produzir vivências e aprendizados significativos proporcionando aos envolvidos o desenvolvimento de uma atitude crítica e investigativa contribuindo para o processo de compreensão da realidade social, favorecendo a prática crítico-reflexiva, a elaboração própria, o aprender a pensar e seu papel na promoção da mudança de atitude perante o conhecimento visto como provisório e em permanente (re) construção.

De acordo com o texto, na organização do estudo do meio é necessário o planejamento rigoroso definido pelo coletivo dos professores e alunos – ou seja, pelos protagonistas do processo ensino-aprendizagem considerando as características e as potencialidades do meio escolhido para o estudo. A rigor não há lugares privilegiados ou lugares pobres a serem escolhidos, o desafio está em aprender a observar, dialogar com a paisagem, identificar os problemas sociais e estabelecer relações com a realidade vivida pelos estudantes. Considerando as etapas do estudo do meio que envolvem uma de trabalho pré-campo, de campo propriamente dito e de pós-campo, o texto desenvolve uma explicação que parte primeiramente da definição do espaço a ser estudado, a definição dos objetivos e temática a ser investigada, a elaboração do caderno de campo, o roteiro e o cronograma das atividades a serem desenvolvidas durante a pesquisa, levantamento de fontes, documentos, mapas e roteiro de entrevistas que compõem a etapa anterior ao trabalho de campo. O trabalho de campo é uma etapa fundamental, sobretudo porque significa a ampliação dos territórios de aprendizagem, para além da sala de aula e a escola e, ao mesmo tempo traz o “mundo” para a escola e sala de aula. Além disso, se constitui em momento privilegiado do enfrentamento entre a teoria sobre a realidade e a realidade mesma, ainda que imediata. Durante o trabalho de campo é possível estabelecer um rico diálogo com o lugar buscando compreender suas particularidades e sua ressignificação a partir das práticas sociais aí presentes e das relações que estabelece com outros espaços e lugares. Assim a apreensão da realidade, que não prescinde da contribuição de outras áreas do conhecimento, por meio da análise espacial das diversas temporalidades expressas na paisagem constitui importante tarefa da Geografia que permite compreender mais profundamente a dimensão social da organização do espaço e a influência que essa organização exerce sobre a vida dos homens e mulheres que nele vivem.

Considerando que o estudo do meio não se encerra com trabalho de campo, o texto assinala que a volta à sala de aula, é momento de sistematização e organização do material obtido, de manifestar as impressões e sensações, de pensar coletivamente o que revelam os registros, estabelecer relações, identificar os impasses e as contradições, as histórias dos lugares visitados na perspectiva de construção de um novo olhar sobre a história e a geografia da realidade estudada agora enriquecida pelas várias experiências e novos conhecimentos adquiridos no campo. Nesse momento de expressão da síntese e da construção do conhecimento, os nexos vão se estabelecendo e aspectos relevantes e talvez pouco conhecidos da história do lugar ganham visibilidade. Nesse exercício de análise e interpretação da realidade, professores e estudantes adquirem autonomia no processo de produção do conhecimento e se constituem como protagonistas do seu processo de aprendizagem. Os resultados podem ser expressos de várias formas, e nesse momento é importante exercitar a criatividade na produção de materiais didáticos, vídeo documentário, ensaio fotográfico, mural, etc. Um aspecto importante relativo

aos resultados desse processo diz respeito à sua divulgação e compartilhamento não somente em relação aos envolvidos diretamente no trabalho, mas, sobretudo junto às comunidades, homens e mulheres que se constituíram como sujeitos da investigação. Desse modo o conhecimento científico adquire profundo significado social, na medida da sua apropriação pelas comunidades locais, instrumentalizando suas ações e extravasando os muros da escola que o produziu.

Após vinte e um anos dedicados ao trabalho na universidade, a aposentadoria em 2007 não significou o fim de sua jornada acadêmica. Continuou como Professor Sênior na Faculdade de Educação, como Professor Colaborador no Departamento de Geografia da FFLCH - USP e seguindo como orientadora de pesquisas em nível de mestrado e doutorado até 2019 quando em maio deste mesmo ano nos deixou.

PARA FINALIZAR

Ao analisar em perspectiva a trajetória da professora e pesquisadora Nídia Nacib Pontuschka não resta dúvida de que estamos diante de uma profissional profundamente engajada com os fazeres da educação. Como professora da escola básica, na universidade atuando na graduação e pós-graduação, desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão, sempre de maneira responsável, colaboradora, gentil e acolhedora.

Sua contribuição para a formação de alunos e professores de Geografia é inestimável. Responsável por introduzir mudanças importantes na forma de ensinar e aprender, sobretudo no âmbito das metodologias de ensino em Geografia, como o estudo do meio, que foi um de seus inúmeros trabalhos que se constitui como referência para professores, alunos e as comunidades envolvidas no trabalho.

Realizou um movimento importante na escola básica e na universidade agregando professores das diversas áreas do conhecimento em um trabalho interdisciplinar, buscando superar a cultura do trabalho na escola que impôs aos professores uma ação extremamente solitária. Se os alunos devem aprender a trabalhar de modo colaborativo, os professores atuando conjuntamente, negociando intenções e interesses, apresentam o exemplo como um convincente argumento formativo.

Nesse aspecto o trabalho desenvolvido pela professora é inspirador, sobretudo no que diz respeito ao estreitamento da relação com os estudantes, estabelecendo a cumplicidade como chaveamento para a construção de conhecimentos de forma colaborativa e a percepção de que as relações afetivas são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo entre pessoas implicadas no processo de ensino e aprendizagem. Valorizando o aprendizado de trabalhos cooperativos a partir do desenvolvimento de projetos e práticas em grupo, para além da experiência frequente de trabalhos individuais e da fragmentação do conhecimento presentes nos processos formativos, a professora Nídia se constitui como um exemplo a ser seguido.

Do ponto de vista da formação de professores sua contribuição, entre outros aspectos, diz respeito à construção de um estatuto de maioria intelectual para a profissão docente. Em seus trabalhos sempre buscou qualificar a formação na condução de processos de ensino e aprendizagem, colaborando para a construção de uma nova profissionalidade docente e reconhecendo a importância da autonomia e da valorização intelectual da profissão.

Obrigada professora Nídia Nacib Pontuschka, com quem aprendemos tanto!

NOTAS

2 Para ver o resultado de um desses projetos: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; LUTFI, Eulina Pacheco. Estudando o Peru através do livro ‘Bom Dia Para os Defuntos’- exemplo de integração entre as áreas de Português e de Geografia no ensino de 2º Grau. *Orientação*, São Paulo, v. 6, p. 59-68, 1985.

3 Para melhor compreender o projeto de Reorientação Curricular pela via da Interdisciplinaridade ver: PONTUSCHKA Nídia Nacib *Interdisciplinaridade: Aproximações e Fazeres*. In: Terra Livre – Associação dos Geógrafos Brasileiros As Transformações no Mundo da Educação – geografia, ensino e responsabilidade social. São Paulo, n.14, p. 100-124, julho 1999. Ver também: PONTUSCHKA Nídia Nacib (Org.). *Ousadia no diálogo: Interdisciplinaridade na escola pública*. Edições Loyola, São Paulo, 2001.

REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo, SP: Loyola, 2002. (Coleção Educar; v. 13).

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Revista Geografia**, Londrina/PR, v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

PINHEIRO, Antônio Carlos. Entrevista com a professora Nídia Nacib Pontuschka: trajetória escolar, profissional e atuação no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 01-23, jan./jun., 2011.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib,; GUTBERLET, Jutta Gertrud Anna; BAEDER, A. M.; MARINS, Ana Maria Mateus et al. **Diálogo, participação, sustentabilidade: a coleta seletiva no projeto Brasil - Canadá**. São Paulo: FEUSP, 2012.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib et al. Pesquisa-ação em educação ambiental e saúde dos catadores: estudo de caso realizado com integrantes de cooperativas de coleta seletiva e reciclagem na região Metropolitana de São Paulo. In: PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto; GOES, Fernanda Lira (Orgs). **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro, IPEA, 2016.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, José Willian (Org). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP, Papyrus, 2004. (Coleção Papyrus Educação).

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; LUTFI, Eulina Pacheco. Estudando o Peru através do livro ‘Bom Dia Para os Defuntos’: exemplo de integração entre as áreas de Português e de Geografia no ensino de 2º Grau. **Orientação**, São Paulo, v. 6, p. 59-68, 1985.